

# **A QUESTÃO DE GÊNERO NA PROTAGONISTA DA OBRA LUCÍOLA DE JOSÉ DE ALENCAR: UMA PROPOSTA DE LEITURA PARA A SALA DE AULA**

Gabriela Santana de Oliveira  
gabrielasantana\_118@yahoo.com  
(Universidade Federal de Campina Grande)

## **RESUMO:**

O presente trabalho objetiva analisar na obra: *Lucíola* de José de Alencar a representação da mulher oitocentista a partir da dualidade entre a cortesã Lúcia e a angelical Maria da Glória. Mediante pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa compreenderemos a representação da identidade feminina representada na simbologia da fêmea fatal em Lúcia e a pecadora redimida e abnegada em Maria da Glória. Através da análise e interpretação da obra, elaboramos uma proposta de leitura para o Ensino Médio, uma vez que o gênero romance não tem sido devidamente trabalhado em sala de aula, pois além da frágil formação leitora dos professores, o currículo e o livro didático ainda privilegiam o estudo historiográfico de escolas literárias ou estilos de época, sem tomar como ponto de partida os gêneros literários. Somado a esses fatores de cunho metodológico, o curto tempo das aulas e desestímulo dos alunos tem corroborado para que o gênero romance não seja lido nem devidamente estudado na sala de aula. Nesse sentido, essas problematizações nos motivaram a elaborar uma proposta que contemple a leitura integral da obra, bem como o estudo dessa narrativa mais longa a partir do enfoque na questão de gênero evidente em uma personagem dual e enigmática. Desse modo, tomamos como aporte teórico e metodológico para tecer esse estudo, as contribuições de: Cosson (2006), Iser (1996), Jouve (2002), Leite (1979) e Silva (2009).

**Palavras-chave:** Gênero, Leitura literária, *Lucíola*, e Romance.

## **RESUMEN:**

Este trabajo tiene como objetivo analizar la representación del femenino y de la mujer del siglo XIX a partir de la dualidad entre la cortesana Lucía y la angelical Maria da Glória en la obra *Lucíola* de José de Alencar. A través de una investigación cualitativa intentamos entender como la identidad femenina es representada en el simbolismo de la mujer fatal en Lucía y la pecadora redimida en Maria da Glória. A través del análisis y la interpretación de la obra, hemos preparado un proyecto de lectura para la escuela, una vez que el romance no se ha trabajado correctamente en el aula, ya que además de la formación frágil lectora de los maestros, el plan de estudios y los libros de texto todavía enfatizan el estudio historiográfico de los estilos literarios de la época, sin tomar como punto de partida los géneros literarios. Añadido a estos factores el romance no es leído o estudiado adecuadamente en el aula. En consecuencia, estas problematizaciones nos motivaron a desarrollar una propuesta que aborda la lectura completa de la obra, y el estudio de esta narrativa ya desde el enfoque de género femenino evidente en un

carácter dual y enigmático de la personaje. Por lo tanto, tomamos como contribuciones teóricas y metodológicas para tejer este estudio: Cosson (2006), Iser (1996), Jouve (2002), la leche (1979) y Silva (2009).

**Palabras clave:** Género, Literatura Lectura, Lucíola, y el romance.

## 1 INTRODUÇÃO

De acordo com Moraes (2014, p. 22) a conduta da protagonista em *Lucíola* (1987) reflete o contexto da mulher que fazia parte da sociedade fluminense. Com a chegada da corte ao Rio de Janeiro ela saiu do que a autora chama de “regime de clausura” para ser mais vista fora do ambiente doméstico. A nova rotina demonstrou gradativamente uma mulher da elite que frequentava bailes, salões, saraus e o teatro. Embora estivesse acompanhada do marido, aos poucos ela se expunha na nova “vitrine social”. A ascensão econômica e a manutenção do *status* se davam por meio do casamento entre famílias no qual seu papel era o de apoiar o esposo na vida pública e supervisionar os afazeres domésticos.

Quanto ao acesso à educação formal, a mulher burguesa do Rio de Janeiro dedicava essa parte com a leitura de romances. Geralmente, essas narrativas eram lidas em voz alta nas casas entre bordados, bem como em “auditórios femininos”. Provavelmente, os livros de romances lidos por elas eram traduções de obras estrangeiras e folhetins publicados em jornais e revistas da época. Nesse sentido, o que era considerado simples passatempo contribuiu para a consolidação de um público-leitor feminino, o que influenciou, sobretudo, o aspecto autoral de *Lucíola*.

Segundo Moraes (2012, p. 30) em 1858 José de Alencar escreveu a peça: *As asas de um anjo* que correspondeu a uma espécie de um “prelúdio de *Lucíola*”, visto que a protagonista Carolina era uma cortesã assim como Lúcia e o autor tencionava incluir em seus textos representações do feminino que já era comum na tradição europeia e cujo público estava acostumado a encontrar personagens assim.

No entanto, a recepção da obra não foi acolhida no Brasil como acontecia na Europa, pois o estado de depravação da personagem ao ser seduzida pelo próprio pai foi reprovado pelos leitores. Apesar do tema da regeneração da cortesã ser aceito na Europa, *As asas de um anjo* não logrou igual êxito porque os leitores ainda estavam impregnados de valores disseminados pela religião e pelas normas sociais, o que fez a peça ser retirada dos palcos e sofrer acusações de conter imoralidade aos bons costumes.

Mesmo com os textos críticos que Alencar escreveu e publicou no “Diário do Rio de Janeiro”, os seus argumentos de defesa não foram aceitos, o que o deixou frustrado.

Publicado em 1862, o romance *Lucíola* refletiu uma nova busca de Alencar em tentar trazer a figura da cortesã na literatura. Apesar de ter sido negativamente criticado em: *As asas de um anjo*, novamente arriscou seu perfil de mulher no romance urbano, porém, criou um pseudônimo para alegar a autoria. Dentre os motivos apontados por Moraes (2012, p. 30) está no interesse em “imprimir verossimilhança realista” ao enredo e aos personagens como estratégia de adesão do leitor. Outro fator na ótica da autora esteve diretamente vinculado a questões políticas, posto que, Alencar tencionava carreira pública. Todavia, se assumisse a autoria de seus romances correria o risco de “manchar a trajetória política com o exercício da literatura”. Além dessas duas hipóteses, outra justificativa para a adoção de um pseudônimo em *Lucíola* (1862) estava no medo da recepção que a elite intelectual teria, pois se assumisse a autoria desse romance, poderia correr o risco de ter a obra novamente rejeitada.

Sendo assim, os objetivos dessa pesquisa visam analisar na obra: *Lucíola* de José de Alencar a representação da mulher oitocentista a partir da dualidade entre a cortesã Lúcia e a angelical Maria da Glória. Além disso, as questões de Gênero suscitadas na obra podem ser trabalhadas em sala de aula a partir de uma experiência de leitura que promova o contato efetivo com a leitura de um gênero literário pouco ou quase não abordado devidamente na sala de aula.

## **2 METODOLOGIA:**

Trata-se de pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, porque iremos discorrer teoricamente sobre a dualidade presente na protagonista de *Lucíola*, bem como a maneira pela qual o narrador, o espaço e o feminino são presentes na obra. Além disso, essa pesquisa contempla uma proposta de inserção em sala de aula, que privilegie a leitura integral da obra em uma turma do 2º ano do Ensino Médio, assim como, o estudo do romance romântico enquanto gênero literário.

## **3 ANÁLISE DOS RESULTADOS**

Em: *Lucíola: teoria romântica do amor* Leite (1979, 54-55) afirma que o núcleo do romance está nos conflitos psicológicos entre a Lúcia e a Maria da Glória. A

primeira possuía sentimentos próprios, diferentemente da “recatada e pura” Maria da Glória. Na representação de Lúcia, a *femme fatale* aparece associada a luxúria e depravação no qual sua imagem está arquetipicamente vinculada a Eva, aquela que leva a queda e ao pecado. No contexto da obra, esse lado demoníaco associado à Lúcia está presente no momento em que ela participa de uma orgia na casa de Sá, bem como durante o banquete erótico, quando seu nome é associado a Lúcifer.

Nesse sentido, a cor escarlate e a “sua existência corpórea sexuada, aparece ligada estreitamente ao pecado, à desordem e ao demônio” (MORAES, 2012, p. 53). O caráter contraditório e enigmático da protagonista mostra que o “meio termo” não existe para os românticos, conseqüentemente, em Lúciola “há completa incompatibilidade entre material, corpo espiritual e alma, uma ambivalência típica dos ideais burgueses”.

[...]. Lúcia é a moça de alma cândida que, corrompida pelo meio, transforma-se em bacante infrene. Enquanto cortesã, é a encarnação máxima da “mulher diabo”, da mulher fatal que, portadora de uma sexualidade transgressora e incontrolável, semeia a ruína e a perdição entre os homens. (MORAES, 2012, p. 54).

Essa representação da mulher fatal é enfatizada quando o Paulo-personagem se encanta com a beleza de Lúcia. “Pouco familiarizado com os códigos sociais da corte”, Paulo-personagem busca compreender o comportamento enigmático da cortesã lasciva, uma vez que sua inexperiência e sensibilidade aumentam o seu fascínio por essa mulher fatal, ao mesmo tempo em que ele tem o desejo de possuí-la e de dominá-la, conforme assevera Moraes (2012, p. 56). Na própria obra esse comportamento de devassidão é reforçado nas atitudes de Lúcia, bem como na sua beleza física. De acordo com Moraes (2012, p. 57) a descrição que Paulo-narrador faz da aparência de Lúcia remete a simbolização da mulher-diabo. As tranças longas que se enroscam como serpentes vivas, a roupa escarlate decotada e os cabelos longos soltos simbolizam a sedução feminina. Já a associação com a serpente além de evocar para a representação do pecado, dialoga também com a figura mitológica de Medusa.

Além de conseguir comandar boa parte da narrativa com sua exuberância física e sensualidade, em alguns momentos ela apresenta o seu lado submisso. Depois do bacanal na casa de Sá, Lúcia beija a mão de Paulo pedindo-lhe perdão. Com humildade e timidez convence-o a ficar para jantar. Ele por sua vez, ao questionar o que será dela, já que vive quase todo dia em sua casa, ela não hesita e afirma: “o mesmo que de mim: dono e senhor” (ALENCAR, 1987, p. 25).

Diferente de Maria da Glória, Lúcia na ótica de Paulo apenas com o olhar “queimava” e às vezes parecia que ia estrangulá-lo “nos seus braços”, ou asfixiá-lo com “os seus beijos” (ALENCAR, 1987, p. 13). Esse caráter sedutor e ao mesmo tempo ingênuo vem intrigando-o durante a narrativa, uma vez que a fêmea fatal contrasta com a postura que Maria da Glória assumirá após confessar seu segredo.

A noite vira bacante infrene, calcando aos pés lascivos o pudor e a dignidade, ostentar o vício na maior torpeza do cinismo, com toda a hediondez de sua beleza. A manhã se encontrava tímida menina, amante casta e ingênuo, bebendo num olhar a felicidade que dera, e suplicando o perdão da felicidade que recebera (ALENCAR, 1987, p.35).

Com essa citação, podemos observar que de fato a protagonista é incompreendida por seus amantes e inclusive Paulo, porque ela apresenta duas personalidades. À noite enquanto símbolo da escuridão, leva ao desejo, pois é o momento em que a cortesã mostra sua sensualidade. Em contraste com as trevas, pela manhã e sua claridade, é enfatizado o lado casto e ingênuo de uma menina e não mais uma mulher.

Segundo Leite (1979, p. 54) essa dissociação de personalidade não se dá apenas no nível psicológico, contudo, no físico também, posto que “Maria é o conjunto de sentimentos, Lúcia um agregado de reações sensuais” no qual a primeira é vaidosa e a segunda singela. Essa atmosfera de ingenuidade torna-se cada vez mais forte a partir do momento em que ela revela o seu enigma a Paulo.

A primeira mudança da protagonista está na abnegação da luxúria e a vaidade de antes. Os vestidos escarlates que a enchiam de brilho cedem um lugar para um “vestido escuro afogado em mangas compridas com pouca roda”, colares mais simples, chapéu de palha e roupões de seda compõem o seu novo vestuário (ALENCAR, 1987, p. 99). De acordo com (MORAES, 2012, p. 65) as roupas escuras e compridas lembram muito a forma como os monges e freiras se vestiam.

Semelhantemente a essas duas figuras da Igreja, Lúcia vai escondendo o seu corpo, abstendo-se completamente de manter relações sexuais com Paulo, frequentando missas e buscando no ambiente bucólico a pureza corrompida na corte fluminense.

Ao assumir novamente a identidade de Maria da Glória, a imagem da cortesã é ofuscada pela mulher penitenciada que reza todas as noites em seu pequeno quarto, em um casebre que em nada lembrava a antiga casa que vivia antes. No próprio quarto há

também outra negação do ambiente de luxo pelo qual a bacante seduzia os seus amantes. O novo cômodo aproxima-se das celas religiosas dos conventos, ao ter um crucifixo de marfim para rezar todas as noites, reforçando assim a trajetória da mulher “perdida” em busca da salvação, pois o isolamento da degradação da sociedade promove essa metamorfose na heroína.

Além do papel de pecadora arrependida, Maria da Glória assume um outro considerado sagrado para a mulher: o de mãe. Para ela a maternidade jamais caberia ao seu corpo corrompido, posto que ele comporta uma espécie de veneno que mataria o seu filho. A partir dessa postura, podemos inferir que a sexualidade feminina desviante da mulher que se prostitui é incompatível com a divinização da mulher-mãe. Nesse sentido, embora Maria da Glória tenha se mostrado arrependida, a imagem da mulher que se prostitui é a de um corpo sujo, repleto de doenças que é indigno de conceber uma criança o que é considerado sublime e sagrado. Por isso, ela fica doente e precisa expelir o feto, pois o corpo contaminado já não pode conviver com a alma pura.

Diferentemente do fim da heroína, Leite (1979, p. 58) ressalta que a posição do homem ao longo do romance deixa claro que mesmo Paulo sendo pai da criança e conivente com esse processo de degradação de Lúcia, ele “é isento de qualquer culpa”. O padrão de moralidade da época e que intencionalmente Alencar (1987) queria apresentar aos seus leitores era o de que o modelo defendido pela burguesia requeria da mulher a preservação de sua castidade para o casamento.

Em: *Leitura literária e outras leituras: impasses e alternativas no trabalho do professor*, Silva (2009, p. 67-68) discorre que a noção de leitura já não pode se satisfazer apenas com a decodificação do código escrito, mas requer a ultrapassagem do texto verbal para outros domínios.

No tocante a leitura literária, percebemos muitas vezes que o teor conotativo, a construção estética, linguística e discursiva de um texto são elementos que mobilizam o aluno-leitor a ir além do superficial para desvendar as entrelinhas. No entanto, muitos não conseguem atingir esse nível de leitura e conseqüentemente veem a literatura como algo ruim e difícil.

Ao falar da leitura literária, Jouve (2012, p. 137-138) defende a ideia de que é a partir dos seus efeitos que se deve tentar apreendê-la. Para tanto, ele elenca três funções consideradas essenciais durante esse processo, são elas as seguintes: A *subversão na conformidade* consiste na especificidade que um texto literário tem de contestar e supor uma cultura. A segunda função chamada de *eleição do sentido na polissemia* abarca o

investimento imaginário, autorizando assim a pluralidade de significações que ele permite. Por fim, a terceira e a última são a *modelização por uma experiência de realidade fictícia*. De acordo com Jouve (2002) abrange o papel pedagógico da leitura, possibilitando ao leitor que ele possa experimentar situações presentes no texto, pelo qual ele não viveu concretamente. Contudo, transforma o sujeito a partir da associação entre o seu universo e o do texto.

Dessa forma, observamos que em virtude das práticas pedagógicas pouco explorarem essas funções defendidas por Jouve (2002) os alunos sentem dificuldades e acabam se desinteressando por literatura.

Quanto ao gênero romance, essa situação torna-se mais agravante, uma vez que a sua extensão, a precariedade da biblioteca de muitas escolas, a lacunosa formação leitora dos professores e o pouco tempo das aulas tem propiciado a ausência desse gênero narrativo no cotidiano escolar. Mesmo que tenhamos consciência desses impasses e limitações, elaboramos no presente artigo uma sequência de leitura com base nas discussões de Cosson (2006) para inserir o romance *Lucíola* na sala de aula. Para a elaboração dessa proposta sugerimos que essa sequência seja direcionada a uma turma do 2º ano do Ensino Médio, posto que é a única série cujo Romantismo e a prosa alencariana são estudadas.

Como motivação, levaremos o vídeo: *Brasil Surreal 1- A prostituição infantil*<sup>1</sup> para que os alunos possam observar em sua realidade reflexões em torno da condição da prostituta na sociedade atual. Não tencionamos com essa atividade emitir juízo de valor, mas instigá-los a sobre os desafios enfrentados por elas e as possíveis motivações que as levaram a entrar nesse meio. Ao repensarem esse aspecto, eles conseguirão estabelecer conexões com o romance e poderão compreender melhor a personagem durante a leitura da obra.

Após essa etapa, partiremos para a leitura efetiva do romance. Para tanto, organizamos esse momento em 4 aulas semanais de 16 encontros no qual leremos cada capítulo. A cada leitura feita, discutiremos e ouviremos atentamente as suas impressões. Para não cairmos no historicismo faremos a contextualização de elementos internos e externos da obra a partir do texto. É importante ressaltar que esses aspectos internos e externos se atrelam a compreensão do foco narrativo, linguagem, personagens, ambientação e mais especificadamente, o comportamento integrante de Lúcia.

---

<sup>1</sup> O vídeo está disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=nenkH5Z9E\\_c](https://www.youtube.com/watch?v=nenkH5Z9E_c).

Na última etapa de nossa sequência de leitura realizaremos o que Cosson (2006, p. 94) chama de “expansão”. Nesse momento, o discente é incentivado a ir além dos limites do texto, através do confronto e contraste da obra com outras relações intertextuais. Sendo assim, faremos um trabalho comparativo levando o capítulo da novela: *Essas mulheres*<sup>2</sup> em que Maria da Glória reencontra o pai e lhe perde perdão. Em virtude desse capítulo não aparecer no romance, levaremos o vídeo para que os educandos destaquem os diálogos existentes entre ambas. Todavia, não é de nosso objetivo comparar a versão televisiva da obra como “mera descrição em outro registro”, porém observar de que maneira elas se articulam e se diferenciam, assim como defende Cosson (2006, p. 95).

Com relação à atividade final, realizaremos uma encenação de duas cenas da obra, no qual uma terá a representação de Lúcia-cortesã e a outra de Maria da Glória. No decorrer da atividade, os alunos terão a liberdade de escolher, de modo que, não sintam nenhum tipo de imposição. Caso eles tenham dificuldades, iremos sugerir a cena da festa da casa de Sá e o momento em que Lúcia revela o seu segredo a Paulo.

Além disso, é importante destacar que o estudo da obra *Luciola* e as discussões em torno da enigmática protagonista e os conflitos sociais existentes no romance como um todo serão feitos a cada capítulo lido. À medida que todas essas etapas forem sucedendo, trabalharemos também o conceito de romance romântico enquanto gênero da prosa literária, tendo em vista que o horizonte de expectativas deles talvez o entenda como uma história de amor com final feliz. Encerraremos esse estudo refletindo com os discentes se o desfecho de Lúcia /Maria da Glória realmente confirma esse conceito que eles achavam, assim como o efeito que a leitura tenha provocado no educado (ISER, 1996).

Sendo assim, entendemos essa proposta como uma forma de trabalhar na sala de aula o romance romântico. Mesmo com as dificuldades enfrentadas pelo professor, acreditamos que ele necessita fazer as adaptações necessárias a sua realidade. Portanto, temos consciência que no Ensino Médio apesar da leitura de um romance ser aparentemente inviável para o curto tempo das aulas, desenvolver um trabalho dessa natureza pode ser um fator estimulante à formação de leitores de literatura, pois é nessa

---

<sup>2</sup> É uma telenovela produzida pela Rede Recorde exibida de 2 de maio e 21 de outubro de 2005, apresentada no horário às 19h30. A trama trabalhou com os três romances urbanos de José de Alencar: *Luciola*, *Senhora e Diva*.

etapa final do ensino básico que talvez muitos deles terão a última oportunidade de ler textos literários.

### **Considerações Finais**

O presente trabalho buscou demonstrar por meio da análise do romance: *Lucíola* (1987) de que maneira a imagem da mulher alencariana reproduziu o ideal de moralidade defendida pela burguesia oitocentista. Através de uma protagonista dual, percebemos que a construção da narrativa dialogou com o projeto estético do Romantismo ao trazer na linguagem rebuscada e eminentemente poética a relação entre corpo e alma existentes nos conflitos psicológicos e sociais da figura feminina e excêntrica de Lúcia e de Maria da Glória.

Nesse sentido, Alencar consegue por meio das estratégias discursivas utilizadas na interlocutora G.M e, sobretudo, na construção do narrador-personagem, tratar de um assunto considerado indecoroso para o público-leitor da época. Com ousadia e perspicácia o romancista consegue lidar com questões concernentes à sexualidade feminina, pois a adesão dos leitores dependia de uma identificação com o personagem, o que Alencar buscou em *Lucíola* a partir do caráter moralizante expresso na cortesã que mesmo arrependida e negando o que antes foi, não pode concretizar o casamento com Paulo. As marcas do seu corpo corrompido jamais poderiam desfrutar da mesma condição das consideradas “moças de família”, o que culminou com a morte da protagonista no desfecho do romance.

No âmbito do ensino, a leitura de um romance encontra várias dificuldades de ser trabalhado em sala de aula. Por conter uma extensão que contrasta com o curto tempo das aulas, ele tem sido marginalizado no Ensino Médio e do próprio currículo escolar que privilegia o estudo historiográfico das escolas literárias sem ter o texto como ponto de partida.

Sendo assim, encerramos esse trabalho acreditando que uma proposta de leitura com o romance *Lucíola* pode ser inserida na sala de aula a partir de um trabalho planejado e que desperte nos alunos o interesse por literatura. Para tanto, uma proposta como essa não deve ser vista como uma receita pronta, mas como possibilidades de começarmos a despertar nos alunos do Ensino Médio o encantamento entre a ficção e a realidade mediante uma experiência de leitura com a mulher-esfinge: Lúcia/Maria da Glória.

## REFERÊNCIAS:

- ALENCAR, José de. **Lucíola**. 10. ed. São Paulo: Ática, 1987 (Série Bom Livro).
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: Teoria e Prática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Tradução de Johannes Krestschmer. São Paulo: Editora 34, 1996.
- JOUBE, Vicente. **A leitura**. Tradução de Brigitte Hervor. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.
- LEITE, Dante Moreira. Lucíola: teoria romântica do amor. In:\_\_\_\_\_. **O amor romântico e outros temas**. 2. ed. Editora da Universidade de São Paulo.1979, p. 54-58.
- MORAES, Gabriela Viacava de. **Que diabo de gênio o dessa rapariga?: A construção do feminino em Lucíola de José de Alencar**. 2012. 107 f. Dissertação. Mestrado em Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas, Vernáculas e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, USP. São Paulo, 2012.
- MOREIRA, Graciellen Rodrigues. **Representações femininas e identidade nacional: Uma leitura alegórica de Lucíola e Senhora de José de Alencar**. 134 f. Dissertação. Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários. Universidade Estadual de Montes Claros. 2012.
- SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Leitura literária & outras leituras: impasses e alternativas no trabalho do professor**. Belo Horizonte: RHJ, 2009.